

# ***Catadores da sobrevivência: a “matéria viva” no cenário do lixo***

*Collectors of survival: the “living material” in the scene of garbage*

Carlos Antonio de Souza Moraes\*

Este artigo<sup>1</sup> objetiva identificar quem é o catador de lixo na atualidade, além de analisar o que o levou a desempenhar esta atividade. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica e de campo que possibilitaram compreender a trajetória de vida dos catadores relacionada ao trabalho com o lixo. Os resultados indicam que eles são, sobretudo, homens, com baixo nível de escolaridade, mais de 40 anos, possuindo um histórico em que suas ocupações são desvalorizadas e subalternizadas. Neste caso, nossas análises consideraram os fatores inerentes à atividade do lixo: baixos rendimentos, precárias condições de trabalho... E os gerados a partir dela: concorrência, solidariedade, estigmas.

*The purpose of the article is to discuss the identity of the garbage collector in the present time, and analyze what led this person to engage in such activity. Thus, we carried out an essentially qualitative methodology (based on field observations and interviews with 10 collectors) that could provide the knowledge concerning their life story and garbage collection. Results indicate that these workers are mostly men, with low level of education, age group between 40 and 81 years, with former devaluated and depreciated occupations and no informal economic activities. In this in case, one cannot ignore the inherent factors to the activity: low wages, precarious working conditions, and factors generated from it (health problems, competition, solidarity, prejudice, discrimination) that mark the itineraries that these actors of the garbage collection explore.*

Palavras-chave: Catadores de lixo. Lixo. Relatos de vida.

*Keywords: Garbage collectors. Garbage. Life reports.*

## ***Considerações iniciais***

Vivemos em um mundo em que as relações de consumo tornam-se desenfreadas, desembocando num padrão completamente insustentável e degradante. Além disso, tudo passa a ser descartável, os produtos tornam-se rapidamente inutilizados, na medida em que são oferecidos outros similares, ou em uma versão mais apropriada,

\* Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes; Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense; Aluno especial do curso de doutorado em saúde pública pela ENSP/FIOCRUZ; membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Cotidiano e Saúde; Professor Substituto pela Universidade Federal Fluminense/Departamento de Serviço Social de Campos; Professor da Faculdade Redentor em Itaperuna, ambas no curso de Serviço Social; atual coordenador do PROPESA (Projeto de Pesquisa em Segurança Alimentar) da Faculdade Redentor.

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da dissertação de mestrado construída no curso em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, cujo título é: Catadores da sobrevivência: estudo do trabalho e das relações de trabalho entre catadores de materiais recicláveis de rua em Bom Jesus do Itabapoana/RJ.

pressionando para que haja aceleração de seu tempo de giro na economia. Ou seja, atrelado à produção de lixo, existe um vínculo com uma dinâmica econômica que se fecha, tendo a si mesma como fim, não importando se com os efeitos colaterais de seus produtos, nem com sua funcionalidade efetiva. E, tudo isso, contribui para que haja um aumento considerável de lixo.

Diante de informações como essa; do volume de lixo produzido diariamente por um brasileiro (estimado em aproximadamente 1 kg); dos efeitos sobre o meio ambiente e a própria natureza humana, começa a causa preocupação a destinação final do resíduo.

Desta forma, a reciclagem se apresenta enquanto uma maneira de tratamento do lixo que traduz economia relacionada ao meio ambiente e a energia, contribuindo para o aumento da qualidade de vida da população.

Mas, quem é um dos principais agentes da reciclagem inserido na cadeia produtiva? Que relações são estabelecidas entre estes trabalhadores? Que histórias marcam o trabalho realizado com o lixo? Por que desenvolver esta atividade?

Enquanto fruto de uma dissertação de mestrado do curso de Políticas Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense, este artigo objetiva identificar e analisar quem são os catadores de materiais recicláveis de rua no Município de Bom Jesus do Itabapoana - RJ, além de buscar compreender seus relatos de vida relacionados ao trabalho com o lixo.

Justifica-se aqui a necessidade de dar voz a um número cada vez mais crescente de trabalhadores que desenvolvem uma atividade precarizada, na medida em que, nossa hipótese é de que há indícios de haver uma proliferação de catadores, sobretudo, em pequenos municípios. Neste caso, torna-se relevante conhecer os motivos que os impulsionam a realizar esta atividade, além de identificar de que forma eles observam como as outras pessoas da cidade caracterizam seu fazer, ao longo de sua história relacionada ao lixo.

Essa é a proposta deste artigo: identificar, compreender e analisar histórias marcadas por pobreza, preconceitos e dificuldades, recorrendo a relatos que demonstram realidades que possuem em comum, a luta pela sobrevivência daqueles que constituem a “matéria viva” no cenário do lixo.

## ***Métodos***

Este estudo baseou-se em pesquisa bibliográfica (com acesso a livros, revistas, jornais, sites especializados) e pesquisa de campo (sob uma perspectiva essencialmente qualitativa), optando por trabalhar com a amostragem não probabilística “bola-de-neve”.

Além disso, percorremos as ruas da cidade, realizando o que denominamos de “caminhada investigativa” a fim de encontrar e abordar os catadores para desenvolver a pesquisa.

Tal desenvolvimento foi pautado em entrevistas orientadas com 10 trabalhadores com atenção focada em suas experiências como catadores. Em complemento, trabalhamos com observação e diário de campo. Para este último, seguimos critérios como: local, dia, hora e entrevistado. Além disso, priorizamos escrever ao mesmo tempo em que realizávamos a pesquisa, em busca de preservar o sentido original da fala, de forma que não se violasse a informação. Em paralelo, optamos pelo uso de gravador (com a devida permissão dos entrevistados), a fim de registrar, de forma mais fidedigna possível, a realidade.

Assim, foi possível estreitar contatos e conhecer, de maneira mais aprofundada, trabalhadores que são caracterizados de diferentes formas e, por isso, se tornou importante compreender quem eles são e quais os relatos de vida (relacionados ao lixo) que marcam sua trajetória.

### ***A “matéria viva” no cenário do lixo***

De acordo com Veloso (2007) no final da Idade Média e na Modernidade os que cuidavam do destino final do lixo eram marginais à sociedade (prostitutas, mendigos, prisioneiros de guerra...). Neste sentido, este artigo se inicia com as seguintes indagações: Quem são as pessoas que cuidam do lixo na atualidade? Há alguma vinculação entre os sujeitos do passado e os atuais catadores de lixo?

Identificar esses trabalhadores não é algo fácil, na medida em que ainda parece “se tratar de uma população flutuante” (JUNCÁ, 2004, p.102), que ora desempenha atividades relacionadas ao lixo, ora se propõe, em paralelo ou separadamente, a executar outras ações. No entanto, existem aqueles que permanecem na catação, construindo uma história de trabalho relacionada ao resíduo.

Dos 10 entrevistados, 6 são homens e 4 mulheres, diferente do constatado por Azevedo *et al.* (2000), Araújo (1997) e Gonçalves (2004) em suas pesquisas, nos quais puderam evidenciar um maior número de mulheres em relação aos homens. Porém, há que se considerar que, apesar de nossa amostragem ser não-probabilística e não ter fins quantitativos, há indícios de um ingresso crescente de mulheres nesta atividade, como já foi verificado por outros estudos como o de Juncá em 2004 e de Bastos em 2008.

Já no que se refere à faixa etária, encontram-se entre 40 e 81 anos de idade, sendo que mais da metade possui entre 40 e 60 anos, idade considerada produtiva, principalmente, para aqueles que já conquistaram seu espaço no mercado de trabalho. Todavia, os desempregados e/ou aqueles que se encontram no setor informal e que estão nesta faixa etária, possuem dificuldades para (re) ingressar na formalidade, principalmente se têm baixo nível de escolaridade e, conseqüentemente, pouca qualificação, como é o caso destes sujeitos em que a grande maioria, sequer, concluiu o ensino fundamental, havendo casos de analfabetos, mas também de ensino médio incompleto. Há que se

considerar ainda uma parcela de pessoas idosas envolvidas neste trabalho, que acabam buscando-o como forma de complementar renda e manter-se exercitando fisicamente, segundo relatos.

Por outro lado, esses dados não excluem a possibilidade de haver jovens desempenhando o trabalho de catação. Contudo, o único jovem encontrado e abordado durante a realização da pesquisa, em julho de 2008, não compareceu aos 3 encontros marcados para a entrevista.

Um fato a se destacar, ainda, a respeito deste jovem é que durante a caminhada investigativa pudemos observá-lo no dia 29/7/2008 por volta das 14h, dormindo no banco da praça Amália Teixeira Chalhoub, centro da cidade, próximo a seu carrinho carregado de material. Cabe ressaltar que, ao redor desta praça, está localizado um bar em cujo interior também visualizamos este catador em seu interior por duas vezes. Isso nos faz refletir acerca do seguinte fato: qual a relação dos catadores de matérias recicláveis com o consumo do álcool?

Em conversa realizada com um catador no dia 28/7/2008 ele ressaltou o seguinte: *“Muitos catadores gostam de uma branquinha (referindo-se à cachaça), tem uns que são de segunda a segunda, não existe esse negócio de fim de semana não”*.

Melman (1993) interpreta o alcoolista enquanto marcado por inconstante insatisfação em relação a si próprio devido à sua não realização pessoal na sociedade. Desta forma, o álcool se apresenta como refúgio para alcançar esta satisfação, já que passa por inúmeros sofrimentos.

Ao relacionar estas informações ao contexto de Bom Jesus do Itabapoana, levantamos a seguinte reflexão: desempenhar suas atividades tendo como objeto de trabalho o rejeito, o que sobra dos outros, não ter um emprego formal e dificilmente ter acesso aos mecanismos de proteção social, além de possuir idade avançada poderia colaborar para o contato com o álcool?

E a família? Quais são os arranjos familiares de tais catadores?

Ao considerar família enquanto um conjunto de pessoas que compartilham ganhos e gastos e se abrigam sob o mesmo teto (AZEREDO *et al.*, 2000), pudemos observar que, em relação ao catador, o fato de serem viúvos ou separados com ou sem companheiros, divorciados, solteiros e casados, estreita as possibilidades de estarem construindo novos arranjos familiares, principalmente, quando existem aqueles que não possuem filhos, vivendo com irmãos e sobrinhos, até aqueles que têm 20 filhos, sendo o último de 4 anos de idade, com uma namorada de 21 anos, como é o caso do catador de 81 anos de idade. Entretanto, a maioria possui entre 2 e 3 filhos, o que não exige alguns do convívio com genros e netos em suas residências.

Vivendo ou possuindo contatos expressivos com suas famílias em seu cotidiano, todos são moradores da própria cidade, tendo como tipos de moradia, sobretudo, a casa alugada, com valores de aluguéis, na maioria das vezes, baixos (R\$ 100, 200 reais) devido à precariedade das residências e sendo encontradas em locais mais periféricos.

Mas há aqueles que residem no centro da cidade, no entanto, em situações também precárias, enquanto outros moram em casas herdadas, emprestadas e próprias.

Todas essas informações indicam uma realidade de pobreza. No entanto, documentários como o elaborado pelo projeto interdisciplinar II<sup>2</sup>, aponta para o fato de que alguns catadores acabaram entrando para essa ocupação após terem perdido bons empregos, chegando a encontrar profissionais de nível superior, como advogados, desempenhando esta atividade. Neste sentido questionamos: qual a profissão destes catadores no contexto bonjesuense?

Encontrando ou não dificuldades para responder a essa questão, muitos pareciam considerar aquelas profissões que desempenharam por mais tempo ou que ainda desempenham; outros tomaram por referência aquela que lhes garantiu a assinatura da carteira de trabalho e, a exemplo dessas informações, destacaram: pedreiro, trocadores de ônibus, auxiliar de serviços gerais, costureiro, auxiliar de cozinha, doméstica. Existiram, ainda, aqueles que não souberam definir uma profissão e os que ressaltaram nunca terem tido sua carteira de trabalho assinada.

Trata-se, na verdade, de atividades, trabalhos ou profissões que são comuns entre os catadores, sejam eles da região metropolitana do Recife (ARAÚJO, 1997) ou do Rio de Janeiro (JUNCA, 2004). Todavia, há aqui uma particularidade: o fato de algumas dessas profissões consideradas pela sociedade, enquanto masculinas ou femininas, terem sido desenvolvidas pelo sexo oposto, como é o caso de uma catadora que foi trocadora de ônibus, um catador que foi costureiro e outro auxiliar de serviços gerais.

Talvez essas informações mais do que indicar – o não-preconceito por parte do catador em relação ao desempenho de uma atividade que foge ao padrão de normalidade imposto pela sociedade, uma história de vida no que diz respeito ao trabalho, caracterizada por estigmas por parte desta mesma sociedade que cria esses padrões – indiquem, sobretudo, uma história marcada pela luta pela sobrevivência, onde o imperativo não é o que a sociedade cria enquanto valores que camuflam a realidade, mas a possibilidade de manter-se vivo de maneira digna.

Todavia, é uma dignidade com muita precariedade material, visto que a renda obtida por meio do lixo é muito baixa e não pode garantir conforto, ou talvez, nem o básico à sobrevivência. Mensalmente o dinheiro recebido variou entre 30 e 600 reais. Como sobreviver com 30 reais? Qual o diferencial que possibilita um catador receber 30 reais e outro 600 reais?

Não se sobrevive com 30 reais mensais: *“Três quilo de papelão eles dão vinte centavo. Isso é salário? Não, vamos dizer a verdade”* (depoimento de uma catadora). Assim, estes trabalhadores ora desempenham outras atividades (destacando a função de pedreiro), ora são aposentados e utilizam o lixo como função complementar, ou ainda, não trabalham em outra função, mas recebem ajuda de vizinhos, familiares e igrejas.

<sup>2</sup> Vídeo construído por alunos do Curso de Rádio e Televisão da Universidade Tuiuti do Paraná, que tem como tema o “Instituto do Lixo e a Cidadania”.

Talvez essas informações, também, respondessem à segunda questão enunciada. Isto porque os que recebem por volta de 1 salário mínimo ou mais, são sobretudo, aqueles que se dedicam, exclusivamente, a esta atividade, desempenhando-a durante anos, todos os dias nas ruas da cidade, o que lhes possibilita estabelecer novos contatos para adquirir materiais e buscar melhores instrumentos para realização de seu trabalho, chegando a entregar até 300 quilos de material por dia. Para tanto, trabalham com carrinhos mais organizados e decorados, demonstrando que é necessário ter criatividade. Esta palavra serve como adjetivo à parte para estes catadores que, apesar de possuírem uma idade avançada, baixo nível de escolaridade, condições insustentáveis de moradia, novos arranjos familiares, isto é, sobreviverem em um cenário marcado pela precariedade, possuem itinerários próprios, que traduzem histórias caracterizadas por vivências particulares.

Mas o que caracteriza estas histórias, cenários e itinerários dos trabalhos realizados pelos catadores de lixo? Quais são os relatos de vida caracterizados a partir da atividade desempenhada com o resíduo?

Entrevistamos uma das mais recentes trabalhadoras nesta atividade (é catadora há 3 semanas) e um senhor que está há 7 anos desenvolvendo este trabalho: “*Sou um dos mais antigo*”. No entanto, há que se considerar que metade dos entrevistados desempenha esta atividade há 3 anos; os restantes estão há 5 anos.

Em busca de ampliar a análise, recorremos a Gonçalves (2004) que constatou em sua tese de mestrado que, em Iguaba Grande – RJ, os catadores de lixo começaram a trabalhar ainda crianças, realizando pequenos serviços para ajuda econômica em casa. Essa inserção, ainda jovem no mundo do trabalho, dificultou o ingresso e a permanência na educação formal.

O que não é muito diferente do caso de Bom Jesus, que, como vimos, também tem catadores que desempenharam outras ocupações ao longo de suas vidas, que exigem pouca ou nenhuma qualificação, e que em alguns casos, são oriundos da zona rural do município ou do estado do Espírito Santo, trabalharam na roça e acabaram vindo para a cidade em busca de melhores condições de vida e, em outros casos, eram da zona urbana da cidade e chegaram a “tentar a vida” em metrópoles como o Rio de Janeiro, mas acabaram desistindo e retornando à cidade natal.

Os motivos que os levaram a desempenhar esta estratégia de sobrevivência são diversificados:

Quem me ajudou a fazer isso foi um irmão meu que veio do Rio e tava parado, sem ganhar nada. Aí um dia eu falei com ele: L, você fica preocupado aí pensando, mas lá em casa é só a gente conseguir arrumar um carrinho aí, porque lá em casa tem muita coisa e de repente a gente arruma um dinheirinho aí. Lá tem caixa de geladeira jogada no quintal, tem lata de alumínio. Aí a gente foi lá e juntamos até as coisas e a gente levou, aí eu achei que aquilo dava certo e de repente eu arrumei um dinheiro, arrumei

trinta reais. (...) Aí eu animei, falei: num vou largar isso mais não. Larguei obra pra lá, larguei tudo.

Nasci aqui e fui embora pro Rio. Fui morar na Parada de Lucas. A firma veio a falência e eu vim embora pra cá. Aqui Falta emprego. Em Bom Jesus não tem. Não tem nem firma nenhuma aqui e quando aparece é pra trabalhar dois meses e meio e pronto. É temporada de dois meses e meio, eles não gera emprego na cidade

Aí como eu não conseguia emprego, aí eu vi esse senhor catando na rua, aí eu peguei e falei com ele: A reciclagem é bom? Aí ele pegou e falou pra mim: Ah, não é bom não, porque a gente tem que trabalhar o dia inteiro.

Mas eu sei que ele tava me dando fora pra mim não entrar no ramo de serviço dele, né?

Aí eu falei assim: Talvez eu entre trabalhando sim, porque a gente não tem emprego, a gente tem que ter um ganho, né?

Esses relatos evidenciam que um grupo destes trabalhadores encontrou no trabalho com o lixo a forma de sobrevivência, visto que estavam desempregados e "*Isso é um ganho, né!*" (Depoimento de uma catadora).

No entanto, cabe ressaltar, de acordo com o último depoimento, a concorrência entre os catadores. Talvez pelo fato de ser uma "profissão" (Bastos, 2008) autônoma, onde a renda é garantida pelo esforço e dedicação do trabalhador, ao se colocar disponível para busca de materiais. Além disso, cabe considerar que, como os materiais são encontrados pelas ruas da cidade, o aumento no número de catadores, acarreta maior dificuldade para achar materiais recicláveis o que, conseqüentemente, pode gerar uma redução nos rendimentos do trabalhador.

"Esse lixo é meu" - esse é o título de um artigo publicado no site [vivafavela.com.br](http://vivafavela.com.br) que evidencia o grande número de catadores nas ruas do Rio de Janeiro, destacando o seguinte depoimento de um deles:

Como há muita gente catando, só o que a gente pega nas ruas não dá. Porque agora quase não se vê garrafas pet na rua. Se por um lado é bom para o meio ambiente, para a gente dificulta. É por isso que bato de porta em porta e procuro fazer amizades com as donas-de-casa, combino com alguns comerciantes para que eles guardem alguns tipos de material para mim. Para eles, não custa nada e para mim vale a compra do mês.

Aos 48 anos, há três vivendo do que consegue catar, Arnaldo da Silva Fontes ([site.vivafavela.com.br](http://site.vivafavela.com.br)), também se queixa da concorrência, ressaltando que alguns catadores chegam a oferecer picolé ou outras mercadorias em troca de garrações de vinho.

O ambientalista Sérgio Ricardo, ao analisar a questão do lixo, no contexto do Rio de Janeiro, destaca que o lixo bom não chega ao Aterro de Gramacho/RJ e não é encontrado nas ruas, devido à concorrência. (Fonte: site abralatas.com.br).

Se no que se refere a Bom Jesus, há indícios de concorrência entre estes trabalhadores, fica evidente que, em grandes metrópoles, estes catadores buscam empreender diversificadas formas de adquirir o material e garantir sua renda. Torna-se possível afirmar que o nível de concorrência acompanha a constante proliferação de catadores, isto é, quanto maior o número de trabalhadores do lixo, maior a concorrência existente entre eles.

Por outro lado, houve outros catadores que ressaltaram, o seguinte, acerca do que os levou a trabalhar com o lixo.

Às vezes passa uma semana, duas semana sem parecer carroto na rua. É esse esquema aí, pra dar pra complementar mesmo, ordenado o sujeito tem que dar pra ganhar pelo menos um salário no mês. Então eu trabalho com esse tipo de coisa pra dá o salário. Tem mês que não dá o salário (...).

Vim pra qui pra Bom Jesus porque meu pai tava doente, tava com problema de próstata e aí morreu, né? Em 89 ele morreu. Aí como a gente vê o outro catá também, vê as outra carroça, botando as coisas na carrocinha então a gente pega também, né? (...) como isso não é crime, então eu cato de vez em quando.

Os dois casos explicitados apresentam seu trabalho como uma forma de complementar renda: *“Dá pra comprar um pão, dá pra comprar um leite pra poder alimentar, porque com o salário que ganha num dá”*. (Depoimento de uma catadora).

No primeiro caso, o dinheiro do lixo complementa a renda obtida, a partir da retirada de areia do rio (que fica nos fundos da casa do catador) e do fretamento de sua carroça. Já no segundo, o lixo complementa o dinheiro da aposentadoria.

Ainda houve aqueles que relacionaram a entrada para esta atividade com a falta de emprego e as influências que tiveram a partir do momento em que entraram para uma igreja evangélica:

Tava desempregada, doente, fumava, quer dizer, tinha sofrido atentado, meu amante tinha tentado me matar, tentado estuprar minha filha. Aí igreja que me incentivou, foi lá que eu recebi o conselho que era pra eu fazer o carrinho e catar papelão que eu ia vencer.

Além dos relatos, pudemos ao longo da pesquisa de campo, observar a influência da religião (sobretudo a evangélica) na vida dos catadores. Em suas residências, algumas



entrevistas tiveram como trilha sonora hinos evangélicos, assim como observamos as vestimentas dos catadores e de seus familiares que, também, demonstravam certa influência religiosa.

Qual o papel da religião no cotidiano destes trabalhadores? Ela se apresenta como forma de alienação ou incentivo ao trabalho e a busca de superação de uma realidade de pobreza e carências?

Uma catadora ponderou o seguinte, acerca de sua entrada para o trabalho com o lixo:

Tava difícil, aí então entrava pra trabalhar. Aí eu passava mal a patroa mandava eu ir embora. Aí eu falei assim: não, tem que dar um jeito. Aí eu comecei (referindo-se ao trabalho de catadora) e pronto acabou, não quero coisa mais.

Neste caso, a doença colaborou para entrada na atividade com o lixo. Talvez a contraditoriedade desta informação se apresente na medida em que muitas análises, como a de Juncá (2004, p. 146), por exemplo, apontem que o cotidiano e as condições de trabalho com o lixo podem favorecer o surgimento de doenças, apesar de serem poucos os entrevistados que admitiram isso, na pesquisa de doutorado realizada pela autora: *"Quem mexe com o lixo está sujeito a adoecer"*.

No caso descrito anteriormente a catadora ainda destaca que teve:

(...) diabete muito alta, tonteira. Aí eu falei assim, porque isso aí eu saio a hora que eu quero, né? Não tem aquela coisa, como os outros, eu tenho que ir, então o negócio é esse. Isso aí eu to passando bem, eu saio de manhã, aí só saio de manhã, porque aí a tarde costuma me dar uma tonteira que eu tenho que correr e deitar. Aí eu falo que na casa dos outros você ta passando bem ou num ta, você tem que ta ali. Aí eu falei assim, não vou parar com isso.

Todavia, se a não rotina de trabalho estipulada por um patrão, pode colaborar para que uma pessoa com problemas de saúde inicie esta ocupação, cabe considerar, também, que a própria atividade, pode agravar e/ou gerar ainda tantas outras doenças, por toda exposição gerada a este trabalhador e já destacada neste estudo. No caso analisado, as questões podem se tornar ainda mais agravantes, na medida em que, a catadora realiza o trabalho de "formiguinha" isto é, o material catado é colocado dentro de um saco plástico e transportado em sua cabeça pelas ruas da cidade, até chegar a sua residência, aonde faz a separação deste lixo reciclável.

Em relação à saúde e à realização da catação a entrevistada ressalta: *"eu to com uma perda de memória também agora, tem vez que eu fico perdida na rua. Eu caio mesmo na rua. (...) Eu fico tonta, fico perdida"*.

Neste sentido questionamos: que influências o cotidiano de trabalho dos catadores de materiais recicláveis de rua ocasiona em sua saúde? Que alternativas de prevenção à doença poderiam ser implementadas neste contexto?

Independente do que levou essas pessoas a desempenharem suas atividades durante esse tempo de trabalho com o lixo, cabe ponderar que mais da metade dos entrevistados sofreram influência, direta ou indireta, de outro trabalhador para sua entrada no circuito da reciclagem. O que evidencia o papel fundamental, das redes na caracterização dos mercados de trabalho em países em desenvolvimento (LAUTIER; PEREIRA, 1994). As formas e estratégias que elas assumem se processam a partir da articulação com outras pessoas (familiares, amigos...) que contribuem na obtenção de um emprego ou no desenvolvimento de uma atividade.

E se antes, ressaltamos a questão da concorrência existente entre os catadores de lixo, agora, aliado às redes, cabe considerar, não apenas a influência direta ou indireta de outro trabalhador para o início de sua atividade, mas também, a questão da solidariedade, o fato de que mesmo sendo mais uma pessoa a percorrer as ruas da cidade em busca de materiais para comercializar, isto não impediu que aquele que já está desempenhando esta ocupação se tornasse uma influência a este que necessitava encontrar uma ocupação capaz de contribuir para a garantia de vida.

Por outro lado, também existiram aqueles que ressaltaram não terem sofrido influência de outro catador de lixo antes de começar a trabalhar no ramo, já que não conheciam ninguém.

Apesar de o catador não necessitar de ter um capital inicial para investir em seu trabalho, o instrumento básico para o desenvolvimento de sua atividade é um veículo (carrinho, carroça, bicicleta) que possa conduzir as mercadorias coletadas. “O carrinho é o principal instrumento de trabalho do catador de lixo. Sua capacidade máxima chega a meia tonelada, puxada apenas com a força dos braços e das pernas” (RECICLOCULTURAL, 2009). No entanto, o trabalho com este veículo deve ser realizado de forma cuidadosa, visto que é desenvolvido no trânsito ao lado de automotores, estando expostos a acidentes. Por outro lado, não é raro encontrar catadores que não possuem estes instrumentos de trabalho e acabam transportando os materiais, embalados em sacos plásticos, em suas costas. Para não fazer isso, uns investiram na compra de carrinhos (pagando R\$ 50,00; 60,00 reais para sua elaboração), outros pegaram emprestado e, houve aqueles que, com uma caixa de geladeira e outros objetos montaram seu instrumento de trabalho.

Ao irem para as ruas e começarem a desenvolver suas atividades, estes trabalhadores tiveram impressões a partir de diferenciadas situações que vivenciaram no início da catação. Situações ora marcadas por estigmas e preconceitos de uma realidade escrita por de valores baseados em padrões de normalidade, ora marcadas pela contribuição daqueles que guardam materiais para o catador. Estas informações sugerem que o espaço urbano se torna um lugar caracterizado pelo processamento de relações sociais

capazes de interferir diretamente no trabalho do catador de lixo. Mas como essas relações de trabalho, que não estão restritas apenas aqueles que trabalham com o lixo, se desenvolvem? Alguns catadores ressaltam o seguinte:

Ah, quando a gente começou, não é todas não, mas tinham umas que até zombavam da gente. Elas falavam como é que a gente pode viver fazendo uma coisa dessas, mas não sabiam que além da gente viver assim, a gente ta defendendo o dinheiro da gente sem prejudicar ninguém, ajudando eles mesmo, limpando até a cidade.

Tem alguém que acha que sempre ta mendigando. Aí houve até o caso de dois menininho, ali próximo ao Jardim Valéria (Bairro de classe média da cidade), aí falou assim: Ih, ali a mendiga! Aí eu disse: não meu filho, não sou mendiga não! Isso aqui dá dinheiro. Aí eu até aconselhei eles a continuar estudando porque eu peguei um serviço mais bruto, né! Mais bruto, mais sujo porque eu não tenho estudo, porque se eu tivesse estudo eu teria várias oportunidade nas loja, porque eu tenho várias irmã de igreja que tem loja, vários irmãos que tem escritório, mas como eu num tenho estudo fica mais difícil.

Opiniões negativas que reduzem, degradam e desvalorizam o trabalhador do lixo enquanto podem coincidir com a valorização do material a ser reciclado.

Por outro lado, houve trabalhadores que ressaltaram o seguinte:

Não tenho nada a dizer não. Não tenho nada a dizer das pessoas não. Eu passo e alguém fala: tenho umas caixa pra você aqui. (...) lá uma vez ou outra, num é sempre não. É lá uma vez ou outra, o caminhão da prefeitura vem cheio, joga umas caixa aí pra mim.

Tem muita gente que ajuda a gente, guarda as coisa em casa, marca o dia da gente pegar, tem muita gente boa, dá muita coisa boa a gente.

Talvez por esses catadores desempenharem suas atividades há um tempo razoavelmente curto, como vimos, muitas questões relacionadas ao passado, acabam sendo vivenciadas no momento atual de suas vidas, o que acaba tornando estes aspectos ainda presentes em suas realidades, seja por meio de estigmas e preconceitos; ou por pessoas, lojas e mercados ainda guardarem materiais para eles.

Entretanto, alguns já perceberam algumas mudanças, por parte dos estabelecimentos comerciais da cidade (sobretudo os mercados) nos últimos anos:

Os mercado hoje em dia eles não tão jogando caixa fora. Você já pensou se os mercado jogasse fora? Eu podia comprar meu terreno, alugar, ou comprar, porque quando eu comecei a catar o mercado me deu as caixa.

Essas informações indicam que, no contexto municipal, existem variados tipos de vendedores de materiais recicláveis para os depósitos da cidade. Aqueles (homens e mulheres) que não possuem emprego e sustentam a família catando lixo, desempenham esta atividade como única forma de sobrevivência. Para tanto, estão cotidianamente nas ruas da cidade em busca de materiais. Aqueles que catam materiais recicláveis como forma de complementar renda, seja de aposentadoria ou de outras ocupações que realizam de maneira autônoma, desenvolvem esta atividade em períodos alternados (festas, por exemplo) de acordo com suas necessidades e disponibilidades ou, até mesmo, quando possuem algum material, em suas próprias residências, que pode ser vendido. E os estabelecimentos comerciais que, nos últimos anos, também têm mercantilizado seus materiais recicláveis.

Assim, o número de vendedores de materiais recicláveis no município torna-se ampliado, porém, ao considerar os catadores de tais materiais, há uma redução em sua quantidade, apesar de indícios de que haver uma perceptível proliferação destes trabalhadores em pequenos municípios brasileiros.

No que se refere à maneira como as pessoas da sociedade viam o trabalho do catador quando começou nesta atividade, identificamos, novamente, o preconceito como o mais citado entre os catadores. Por outro lado, existiram aqueles que ressaltaram não ouvirem as outras pessoas falando nada acerca de seu trabalho, na medida em que sempre mantiveram seus quintais limpos: *“você não vê sujeira (...) Dei uma carroçada leve logo (...) Tudo protegido, num tem rato, num tem nada aqui, porque eu não deixo juntar”*.

Essas informações acabaram sendo complementadas quando questionados se, atualmente, há diferenças acerca do olhar das pessoas no que se refere ao seu trabalho.

Hoje eles já ajuda a gente. Hoje eles já mudaram..

(...) tem um senhor ali perto da rodoviária que falou comigo: É muito bom, gosto desse trabalho da senhora. Desde quando a senhora começou a trabalhar na rua com reciclagem e esses catadores que cata aí também a gente vê a limpeza na rua, a gente vê a limpeza urbana. (...) a maioria reconhece.

Solidariedade? Conquista de espaço? Naturalização dos catadores no ambiente urbano? Essas são indagações que podem ser levantadas a partir dos depoimentos apresentados.

Entretanto, é fato que aquilo que era estranho aos membros da cidade, inicialmente, vem, gradualmente, tornando-se familiar e, conseqüentemente, menos

objeto de preconceitos e discriminações (mas ainda passando por esses processos). Assim, cabe refletir: quais as consequências da familiarização/ naturalização dos catadores de materiais recicláveis de rua no ambiente urbano?

Para Gilberto Velho (1978) há a necessidade de transformar o exótico em familiar e a não-naturalização de questões complexas cotidianas podem se apresentar como as alternativas mais plausíveis na construção de uma realidade menos precarizada e desigual. Ou seja, há a necessidade de não apenas familiarizar-se com questões e/ou fenômenos pouco percebidos no intenso movimento do cotidiano, mas, sobretudo, conhecê-los de maneira mais criteriosa, a fim de evitar olhares preconceituosos e baseados em esteriótipos criados pela própria sociedade, de maneira depreciativa.

Contudo, nessa construção, é de suma importância dar voz àquele que vivencia esta realidade, ouvindo-o e identificando seus posicionamentos. Neste sentido, como o catador vislumbrava seu trabalho no início?

As respostas a essa questão estão, em sua maioria, relacionadas a contribuições e aspectos individuais, que o caracterizam no desenvolvimento de seu trabalho ou até mesmo, o que este trabalho pode lhe proporcionar.

Ah, com muita satisfação. Me sinto muito orgulhosa de poder trabalhar, muito satisfeita mesmo.

Na época que eu comecei, você não via ninguém na rua assim, como mulher trabalhando com reciclagem. (...) A gente ficava até sem jeito, sem controle da situação. Hoje em dia a gente sabe você olha um material assim, você sabe o que é alumínio, você sabe o que é metal, é cobre ou ferro, entendeu? A gente sabe onde que vai botar aquele material. Não, esse aqui tem um valor e esse tem aquele outro, entendeu? Naquele tempo tudo era uma coisa só.

Eu achava sei lá, um trabalho honesto, né!

Satisfação, orgulho, falta de experiência inicial, honestidade, renda são eixos que caracterizam as informações acerca do que consideravam sobre seu trabalho inicialmente. Algumas dessas categorias são de grande relevância quando se discute a construção identitária de trabalhadores, já que, segundo Jacques (1997), a identidade enquanto expressão subjetiva é apreendida através da representação de si mesmo. Sendo que ao papel social do trabalhador (o que alguém é) estão agregadas outras qualificações exigidas pelo exercício laboral que são substanciadas pelos atributos que definem o eu.

Por outro lado, houve uma resposta que considerou uma dimensão coletiva:

É importante, porque você ajuda a limpar a cidade. Porque antigamente passava e esses quintal aí era tudo cheio de lata, balde. Hoje em dia não, você passa e os quintal tão limpo. Então é um trabalho importante de limpeza. Acho que deveria ter um apoio.

Ao considerar questões relacionadas ao meio ambiente, o catador vai além de vislumbrar o processo de trabalho em si, mas acaba justificando mais uma função social do seu fazer. Função que contribui, significativamente, para a limpeza urbana, ou seja, para a melhoria das condições ambientais do espaço urbano, apesar de não possuir nenhum apoio municipal para tal exercício.

Os catadores despontam, segundo Ferreira (2005), como atores indispensáveis, na medida em que o gesto cotidiano de descartar o lixo, seletivamente, e entregá-lo à reciclagem, torna-se um fator importante na conservação do meio ambiente. Neste sentido, todos se tornam agentes capazes de modificar a natureza, conservando-a ou degradando-a. Mas, se a coleta seletiva não é habitual à população, o catador desempenha o papel de disseminar uma nova cultura, enquanto agente ambiental e social.

Em pesquisa realizada em Uberlândia - MG, Ferreira (2005) constatou que a atividade destes trabalhadores tem proporcionado benefícios à natureza, além de gerar reflexões aos próprios membros da cidade, estimulando-os a introduzirem a separação de lixo em suas próprias residências.

No entanto, para que ações como estas sejam desenvolvidas de forma ainda mais consciente, há a necessidade de o catador compreender questões ainda mais complexas, como por exemplo, o fato de estarem situados, enquanto base de sustentação, em um circuito complexo de reciclagem, sendo fundamentais à cadeia produtiva. Informações que ainda não são de conhecimento da maioria dos entrevistados e de muitos outros catadores residentes, sobretudo, em pequenos municípios.

### *Considerações finais*

A discussão central deste artigo foi norteada pelas seguintes indagações: Quem são as pessoas que cuidam do lixo na atualidade? Há alguma vinculação entre os sujeitos do passado e os atuais catadores de lixo?

Constatamos que estes trabalhadores (em sua maioria homens) apresentam uma idade avançada, baixa qualificação, além de uma história de vida relacionada ao trabalho marcada por ocupações/profissões desvalorizadas, que tinham como objetivo central manter sua sobrevivência, assim como, no momento atual de suas vidas, demonstrando haver certa vinculação entre marginalidade e catadores de lixo. No entanto, essa vinculação não deve ser vista como algo permanente, na medida em que se encontram trabalhadores que adquirem rendas significativas com a reciclagem, proporcionando-lhes não apenas a garantia da sobrevivência, mas até mesmo, a possibilidade de cursar uma faculdade. Fato não constatado em nosso universo de pesquisa, mas verificável em outras localidades.

Não se pode desconsiderar, diante das análises realizadas, categorias que expressam ações e sentimentos marcantes na trajetória destes catadores, seja por parte deles ou de outros membros da sociedade, como por exemplo:

A **concorrência** existente entre trabalhadores autônomos que dependem do seu próprio esforço para garantir sua renda e sobreviver.

A **solidariedade** que traduz a possibilidade de troca, de ajuda entre aqueles que disputam os melhores materiais nesta arena de interesses, possibilitando não apenas uma ajuda mútua, mas a probabilidade de se constituírem novas **redes** de contatos, seja entre eles próprios, ou ampliando para além daqueles que dialogam com o circuito da reciclagem.

Além disso, há o pensamento destes trabalhadores que não está relacionado a questionamentos maiores acerca de seu lugar, seu espaço e **reconhecimento** neste mercado, mas, sobretudo ou apenas, à busca de manter o básico à sua vida. No entanto, ao desempenhar suas atividades, a função social de seu trabalho (relacionada à limpeza do ambiente urbano), aos poucos, vai se tornando reconhecida por algumas pessoas da sociedade, o que pode colaborar para possível redução de **preconceitos** e melhorias no desempenho de sua ocupação, quando um cidadão já inicia a separação do material em sua residência.

No entanto, este é o início de algumas ações que podem colaborar para o trabalho do catador. Ações que não podem ser desenvolvidas apenas pela sociedade, mas, sobretudo, pelo poder público. Todavia, conhecer o processo de trabalho do catador de lixo é fundamental antes de se pensar em qualquer forma de se implementar em sua realidade.

## **Referências**

ARAÚJO, L.M.S. *Trabalho, sociabilidade e exclusão social: o caso dos bagulhadores do lixo de Aguazinha*. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.

AZEVEDO, V.G.; GONÇALVES, M. P.; JUNCÁ, D. *A mão que obra no lixo*. Niterói: EDUFF, 2000.

BASTOS, V.P. Catador: Profissão. *Um estudo do processo de construção identitária do catador de lixo ao profissional catador. Jardim Gramacho, de 1995 aos dias atuais*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, R.M.F. *Meninos de rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: CEDEC/CJPSP, 2005.

GONÇALVES, R.S. *Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde*. 2004. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, FIOCRUZ, 2004.

JACQUES, M.G. Identidade e trabalho. In: CATTANI, Antonio David (Org.). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997.

JUNCÁ, D.C.M. Trajetórias de sujeitos no lixo. *Serviço Social & Sociedade*, Cortez, n. 84, p.167 – 182, 2005.

JUNCÁ, D.C.M. *Mais que sobras e sobrantes*: trajetórias de sujeitos no lixo. Tese (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, FIOCRUZ, 2004.

LAUTIER, B.; PEREIRA, J.M. Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina. *Cad. CHR*, n.21, p.121-151, 1994.

MELMAN, C. Alcoolismo e toxicomania: uma abordagem psicanalítica. *Temas*, v.23, n. 45, p. 41– 49, 1993.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: NUNES, E.O. (Org.). *A aventura sociológica*: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELLOSO, M.P. Os restos na história: percepções sobre resíduos. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 13, n. 6, p. 1953–1964, 2008.